

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Fatima Kimie Yashima Gomes de Souza

**Teatro Experimental Negro de São Paulo: o silenciamento
de uma história de resistência**

São Paulo

2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Teatro Experimental Negro de São Paulo: o silenciamento de uma história de resistência

Fatima Kimie Yashima Gomes de Souza

Trabalho de conclusão do curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Cultura, Educação e Relações
Étnico-raciais

Orientação: Profa. Dra. Cláudia Nonato

São Paulo

2024

Teatro Experimental Negro de São Paulo: o silenciamento de uma história de resistência¹

Fatima Kimie Yashima Gomes de Souza²

Resumo: Este artigo pretende investigar a trajetória do Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TENSP), no período localizado entre 1945 e 1966. Criado por Geraldo Campos de Oliveira e posteriormente dirigido por Dalmo Ferreira, o grupo representou a afirmação da vida e a busca pelo respeito à dramaturgia feita por negros e negras. Diante dessas questões, o objetivo desse artigo é compreender por que a história do TENSP foi silenciada, pois, manteve suas atividades por 21 anos, com apresentações teatrais, participação ativa em manifestações antirracistas e anticoloniais, movimento regularmente noticiado em jornais e revistas da época. História pouco lembrada ao longo do tempo pela crítica teatral, mesmo pela população negra e principalmente por jornais e revistas. Para isso, foi feita uma pesquisa em bancos de dados e arquivos de jornais da época, os quais identificamos 370.049 textos e analisamos 142 textos pertinentes ao tema; a partir disso as considerações perpassam por estes pontos.

Palavras-chave: Teatro Experimental do Negro; Teatro Experimental do Negro de São Paulo; teatro negro; teatro negro em jornais e revistas, silenciamento.

Abstract: This article intends to investigate the trajectory of the Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TENSP), in the period between 1945 and 1966. Created by Geraldo Campos de Oliveira and later directed by Dalmo Ferreira, the group represented the affirmation of life and the seeks respect for dramaturgy made by black men and women. Given these questions, the objective of this article is to understand why the history of TENSP was silenced, as it maintained its activities for 21 years, with theatrical performances, active participation in anti-racist and anti-colonial demonstrations, a movement regularly reported in newspapers and magazines at the time. History little remembered over time by theater critics, even by the black population and mainly by newspapers and magazines. For this, a search was carried out in databases and newspaper archives of the time, which identified 370.049 texts

¹ Trabalho de conclusão do curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-raciais. Orientação: Profa. Dra. Cláudia Nonato
² Pós-graduanda no CELACC - Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, Núcleo de Pesquisa da Universidade de São Paulo, linha de pesquisa: Cultura, Educação e Relações Étnico-raciais. Pós-graduação Especialização em Serviço Social e Gestão de Projetos Sociais. Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, FMU, São Paulo; Extensão universitária em Diversidades e Inclusão Social em Direitos Humanos. EACH - Pró-reitora de Cultura e Extensão Universitária – USP; Graduada em Serviço Social pela Faculdade Paulista de Serviço Social. E-mail: fatikimie@gmail.com. ID Lattes: 7427759508586272.

and analyzed 142 texts relevant to the topic; From this point onwards, considerations go through these points.

Keywords: Teatro Experimental do Negro; Teatro Experimental do Negro de São Paulo; black theater; black theater newspapers and magazines, silencing.

Resumen: Este artículo pretende investigar la trayectoria del Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TENSP), en el período comprendido entre 1945 y 1966. Creado por Geraldo Campos de Oliveira y luego dirigido por Dalmo Ferreira, el grupo representó la afirmación de la vida. y busca el respeto por la dramaturgia realizada por hombres y mujeres negros. Ante estas preguntas, el objetivo de este artículo es comprender por qué la historia de la TENSP fue silenciada, que mantuvo sus actividades durante 21 años, con representaciones teatrales, participación activa en manifestaciones antirracistas y anticoloniales, movimiento denunciado periódicamente en periódicos y revistas de la época. Historia poco recordada a lo largo del tiempo por la crítica teatral, incluso por la población negra y principalmente por los periódicos y revistas. Para ello se realizó una búsqueda en bases de datos y hemerotecas de la época, en la que se identificaron 370.049 textos y se analizaron 142 textos relevantes al tema; A partir de ahora las consideraciones pasan por estos puntos.

Palabras-clave: Teatro Experimental do Negro; Teatro Experimental do Negro de São Paulo; teatro negro; teatro negro en periódicos y revistas, silenciando.

1. INTRODUÇÃO

A experiência teatral negra em São Paulo, principalmente no início do século XX, significou lutar contra diferentes formas de violências e silenciamentos multifacetados. Mas também representou a afirmação da vida e a busca pelo respeito à dramaturgia feita pelos negros, cuja história foi apagada ao longo do tempo pelos jornais e revistas. Diante disso, este artigo pretende investigar a trajetória do Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TENSP), no período localizado entre 1945 e 1966. Criado por Geraldo Campos de Oliveira e posteriormente dirigido por Dalmo Ferreira, o TENSP nasceu como uma seção do Teatro Experimental do Negro do Rio de Janeiro, liderado pelo ator, poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos Abdias Nascimento. Foi fundado em setembro de 1945 e manteve suas atividades por 21 anos, com apresentações teatrais, participação ativa em manifestações antirracistas e

anticoloniais, movimento regularmente noticiado em jornais e revistas da época, mas muito pouco ou quase nada se sabe atualmente sobre o grupo.

Ao buscar referências sobre o tema para essa pesquisa, foi encontrado nas plataformas Google e Google Acadêmico apenas um trabalho publicado: “O Teatro Experimental do Negro de São Paulo, 1945-66”, de Mário Augusto Medeiros da Silva, publicado no Caderno Cebrap em 2022. No banco de teses e dissertações da CAPES, aparecem outros títulos sobre o teatro negro, mas pouco dedicados ao mesmo período, na cidade de São Paulo. Pesquisadores de teatro conceituados, como Sábato Magaldi, Joel Rufino dos Santos e Evani Tavares Lima, pouco falaram em suas obras sobre a existência do TENSF, assim como a maioria dos críticos e jornalistas de teatro. Por conta dessas questões, o principal objetivo desse artigo é entender o motivo do silenciamento do TENSF, atualmente. Nossa hipótese é que jornais e revistas da época ajudaram nesse processo de silenciamento.

Para responder a essa questão, foi feito um levantamento³ junto ao acervo “online” do jornal O Estado de S. Paulo⁴ sobre o tema Teatro Experimental do Negro de São Paulo, onde encontramos 1.251 artigos e reportagens, contudo observamos que o site selecionava por palavras. Após uma apuração detalhada, chegamos a 115 textos selecionados sobre o tema proposto.

Nos arquivos do jornal “Diário da Noite”⁵, nos deparamos com 185 textos, onde no site da Biblioteca Nacional, achamos a mesma forma de seleção, do noticiário anterior; sendo 86 referentes ao tema da pesquisa. Na página do site da Imprensa Negra Paulistana, hospedado na Universidade de São Paulo⁶, selecionamos entre os 25 jornais e revistas destacados, o jornal “Novo Horizonte”⁷.

³ Fizemos um levantamento em 7 jornais que apresentavam publicações sobre o TENSF na época, a partir deles nos chamou atenção, os acima citados, por seu fácil acesso ao acervo para pesquisa e a quantidade de material disponível, e a Imprensa Negra Paulistana, o jornal “Novo Horizonte”, pelas matérias publicadas.

⁴ Acervo do Estado de S. Paulo. Disponível em <https://www.estadao.com.br/acervo/> Acesso em 20/01/2024.

⁵ Acervo do Diário da Noite. Disponível em <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093351&pesq=&pagfis=1>. Acesso em 25/01/2024.

⁶ Site Imprensa Negra Paulistana da USP. Disponível em <https://biton.uspnet.usp.br/impresanegra/index.php/periodicos/> Acesso em 10/02/2024.

⁷ Acervo do O Novo Horizonte. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845108&pesq=&pagfis=1> Acesso em 25/02/2024.

O percurso teórico que baliza este artigo apresenta a história do teatro negro no Brasil, a criação do Teatro Experimental do Negro (TEN) e os caminhos percorridos pelo TEN de São Paulo. Esperamos que essa pesquisa traga à tona toda a importância dessa iniciativa em prol dos atores e atrizes negros de São Paulo.

SÉCULO XX: O CONTEXTO HISTÓRICO DO SURGIMENTO DO TEN

Após a Segunda Guerra Mundial, e paralelamente o final do Estado Novo no Brasil, ocorreram períodos de mudanças sociais, políticas e culturais significativas em níveis global e nacional, chegando a todos os setores da vida pública. O período foi marcado pela intensa agitação política, oriunda das negociações em que, através de suas ideologias, novos grupos ou classes, até então sem forte participação nas instâncias de poder, passam a reivindicar melhores condições materiais e representação na política brasileira. (GOMES, 2012). As relações foram marcadas pela ascensão dos Movimentos Sociais e pela reivindicação de Direitos por parte de grupos marginalizados, principalmente homens e mulheres negros libertos da escravidão, que assolara o século anterior.

Para Santos Rocha (2017), “no sistema capitalista, a opressão racial se relaciona com o domínio de classe; se expressa na distribuição desigual dos meios de aquisição de bens materiais, e na negação de determinados direitos[...]. Em sociedades multirraciais, como o Brasil, marcado pela presença de brancos, negros e indígenas, a opressão racial historicamente recai sobre os dois últimos grupos, que estão representados nos setores mais desfavorecidos.” Segundo o autor, as reivindicações da época eram por Direitos Humanos, liberdade, solidariedade, igualdade em todas as áreas.

No centro desse movimento, a cidade de São Paulo se tornou um importante polo econômico, com a expansão da cafeicultura no final do século XIX. Para além das plantações, marcam o surgimento das indústrias têxtil, de alimentos e de vestuário, atividades desencadeadas pelo transbordamento dos lucros da economia exportadora cafeeira, a construção da infraestrutura de serviços de transporte, as ferrovias, as estradas de rodagem, a modernização do porto de exportação e importação, a formação da metrópole paulistana (RIBEIRO, 2020).

O teatro é uma forma de manifestação cultural, portanto, também está integrado a essas estruturas (com os fatos políticos e econômicos). É fruto de uma sociedade em seu tempo histórico. Estando no âmbito da cultura, o teatro

opera no sistema de referências do social: produz e reproduz valores, signos, símbolos, modos de vida, saberes; e pode ser tanto um espaço de manutenção da cultura hegemônica, quanto um espaço de contestação, instrumento de contra hegemonia (SANTOS ROCHA, 2017).

PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DO TEATRO NEGRO NO BRASIL

Teatro negro (em sentido amplo), é o conjunto de manifestações culturais e estéticas das artes cênicas ou performática, que está relacionada com a atuação ou interpretação negra, como meio de expressão, recuperação, resistência e afirmação da cultura negra (LIMA, 2011, p.82). Os significados do teatro negro vêm se transformando, conforme o contexto histórico e a produção artística, como um lugar dinâmico, aberto às transformações em seu tempo; o próprio conceito de teatro negro também é mutável. Sempre embasado, segundo Lima (2011) em três categorias: performance negra, teatro de presença negra e teatro engajado negro.

Enquanto o teatro tradicional afro-brasileiro, o único em que o negro podia encontrar sua autenticidade, era um teatro corporal que só transmitia sua mensagem por intermédio da mímica, da dança, do gesto, o teatro dos brancos se apresentava sob a forma de discurso. Ora, o discurso (o período abolicionista já tinha demonstrado) possuía mais força convincente do que a linguagem puramente corporal; e isso tanto mais que, como a linguagem corporal do branco, a comunhão das raças só dificilmente poderia acontecer. Diante dessa dificuldade de comunicação através dos sambas, dos candomblés, até mesmo da umbanda[...] só restava aos novos intelectuais negros uma saída: retomar dos brancos o “discurso” sobre os negros para inverter seus termos e instituir assim o único diálogo que poderia se tornar autêntico; em suma, era preciso criar um teatro negro no mesmo tipo que branco, quer dizer, como linguagem vocal e voltado a uma práxis política. (BASTIDE, 1983, p.146).

Na década de 1930 foi formado por amigos e intelectuais no Rio de Janeiro o grupo “Santa Hermandad de La Orquídea”, com a participação de Abdias do Nascimento⁸. Nas programações culturais do grupo, em viagem pela América do Sul, os companheiros assistiram à peça *O Imperador Jones*, de Eugene O’Neill⁹, no Teatro Municipal de Lima, no Peru. Um detalhe chamou atenção: o personagem da história,

⁸ Abdias do Nascimento (1914-2011). Ator, poeta, escritor, dramaturgo, artista visual, ativista panafricanista, professor universitário, Senador da República e Deputado Federal.

⁹ Eugene O’Neill (1888-1953). Americano, ator, dramaturgo estadunidense. Prêmio Nobel de Literatura de 1936. Único dramaturgo a ganhar quatro Prêmios Pulitzer de Drama, Prêmio Tony de melhor peça.

que era negro, interpretado por um ator branco, pintado de negro (blackface)¹⁰ (LIMA E SANTOS MOURA, 2009).

De volta ao Brasil, Nascimento foi preso, e mesmo já desligado do Exército, foi condenado, à revelia, por um processo disciplinar decorrente de sua ausência (LIMA E SANTOS MOURA, 2009). Ele permaneceu preso na Penitenciária do Estado de São Paulo de abril de 1943, até o início de 1944, período em que criou o *Teatro do Sentenciado*.

Ainda na época em que deixou a prisão, Nascimento tentou criar uma Companhia de Teatro Negro em São Paulo. O ator buscou apoio de artistas e intelectuais, mas foi tratado com indiferença a suas intenções (Nascimento, 2022). Teve maior receptividade no Rio de Janeiro, para a criação de um grupo de teatro experimental, o Teatro Experimental Negro, como seu nome indica: teatro de experiências, teatro de testes, de orientação, aprendizagem, uma escola.

O teatro reconhecido como atividade decente, os negros só tiveram chance de entrar nele depois de acabado o espetáculo, para limpar a sujeira deixada pelos brancos nos auditórios, camarins, palcos, banheiros e mictórios. As peças que se escreviam e se encenavam refletiam unicamente a vida, os costumes, a estética, as ideias e aspirações da classe dominante, completamente clara, ou supostamente caucásica. Mais da metade da população, de origem africana, não contava, nem existia mesmo para o nosso teatro. Participante de origem africana numa peça, só se fosse em papel exótico, grotesco ou subalterno. Destituído de qualquer humanidade ou significação artística. Personagens tipificadas nas empregadinhas brejeiras, reboladeiras, de riso e acesso fácil, mães pretas chorosas, estereotipadas, amesquinhando o profundo e verdadeiro sofrimento das mulheres negro-africanas; negros idosos, pais-joãos dos quais se tirava a dignidade e o respeito, pela imposição de um servilismo, uma domesticação, exibidas e proclamadas como qualidade genética da raça negra; [...] até que em 1944 fundei no Rio de Janeiro, o Teatro Experimental do Negro. (NASCIMENTO, 2002, p. 137-138).

Para a estreia do Teatro Experimental do Negro, a alternativa mais indicada foi o texto *O Imperador Jones*, de Eugene O’Neil, que o artista havia conhecido no Peru. No dia 8 de maio de 1945, o TEN se apresentou no palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Foi em uma segunda-feira, onde o principal assunto na capital da República Brasileira era a rendição da Alemanha Nazista, e todos celebravam o fim

¹⁰ Blackface é o nome dado para a caracterização de personagens do teatro. Atores brancos utilizavam carvão de cortiça e outras tintas para pintar os seus rostos de preto. A intenção era representar personagens afrodescendentes, o que impedia a abertura de espaço para que os negros pudessem participar do núcleo de espetáculos teatrais. (PORTAL GELEDES) <https://www.geledes.org.br/significado-de-blackface/>

da guerra. No centro do Rio, as pessoas se reuniram para celebrar o término do conflito (LIMA E SANTOS MOURA, 2009). Com todo esse movimento nas ruas, uma plateia seleta prestigiava a apresentação no teatro.

CRIAÇÃO E ESTRÉIA DO TEATRO EXPERIMENTAL NEGRO DE SÃO PAULO

No domingo, 30 de setembro do mesmo ano, o jornal Folha da Manhã, trazia em suas publicações as declarações de Geraldo Campos Oliveira¹¹, acerca da criação e das dificuldades do Teatro Experimental de São Paulo (TENSP).

“É natural que um empreendimento como esse exige muita abnegação e trabalho. Não será difícil calcular o esforço realizado para consecução dos nossos objetivos[...] Ainda não conseguimos um lugar adequado para nossos ensaios, que nos permita ampliação das atividades teatrais[...] A Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo, franqueou seus salões a fim de que pudéssemos realizar nossas reuniões preliminares de fundação. [...] Tínhamos intenção de nos apresentar ao público em meados de novembro; porém, sabedores de que o Experimental do Rio pretende vir a esta Capital nessa época, adiamos a estreia.” (OLIVEIRA, 1945, p. 22).

O TENSP nasceu como uma seção do Teatro Experimental do Negro do Rio de Janeiro. Não poderia diferir; embora fossem conhecidos, o vínculo entre ambos era mais de ordem ideológica, sem real cooperação entre os dois, que logo seguiram caminhos próprios. Segundo Bastide (1951)¹², “Geraldo Campos retomou a obra interrompida de Lino Guedes¹³, que havia tentado fundar um teatro negro antes, mas os recursos financeiros faltaram e o seu teatro não foi mais do que uma “longa agonia”.

Assim como no Rio de Janeiro - mas sem a figura de Abdias do Nascimento - o propósito do TENSP era proporcionar aos cidadãos que tinham vocação para o mundo teatral, cursos de arte dramática, música, canto, bailado; oportunidade de alfabetização e educação¹⁴, valorização das pessoas, exaltando a capacidade

¹¹ Geraldo Campos Oliveira, nascido na cidade de Franca, amigo de infância de Abdias do Nascimento, foi jornalista, professor, dirigiu a revista Senzala (1946), foi diretor da Associação Cultural do Negro (1954).

¹² Roger Bastide (1898-1974), formou-se pela faculdade de Letras de Bordeaux e pela Sorbonne. Lecionou quase vinte anos no Brasil (1937-1954), onde recebeu o título de "doutor honoris causa" pela Universidade de São Paulo. Foi membro das sociedades de sociologia e psicologia de São Paulo, de antropologia no Rio de Janeiro, de folclore no Rio Grande do Norte, e do Instituto Histórico do Ceará

¹³ Lino Guedes nasceu em 24/06/1897, na cidade de Socorro-SP Poeta, contista, romancista, ensaísta, biógrafo e jornalista, colaborou ainda em vários jornais e revistas.

¹⁴ Informações disponíveis em “Teatro Experimental do Negro”, fevereiro 1946, p.15.

artística afro brasileira, nas produções que refletiam a realidade, partilhar experiências sobre a luta contra o racismo, capacitar atores, atrizes, e diretores a trabalharem a partir desses temas em produções teatrais. No início, foram selecionados trabalhadores e trabalhadoras de origem pobre, um grupo de operários, empregadas domésticas, ou seja, de gente humilde, que aprenderam as técnicas do teatro (DOUXAMI, 2001).

Por conta da questão financeira, as dificuldades eram grandes, acrescentando a falta de um lugar fixo para os ensaios. Mas Geraldo Campos afirmou que a abnegação, os esforços, a cooperação e o trabalho, foram primordiais para realização dos objetivos propostos.

Estamos ensaiando a peça de Lino Guedes “Vigília de Pai João” e com ela faremos logo nossa apresentação. Acha-se no Rio de Janeiro um nosso emissário, com o fim de conseguir do maestro José Siqueira, os direitos para encenarmos sua peça intitulada “Senzala” [...] Tentaremos a teatralização de “A vida continua”, de Oliveira Ribeiro Neto. “O Mulato” de Aluísio Azevedo e “Jubiabá”, de Jorge Amado[...] Tudo faremos para interessar escritores e teatrólogos que escrevam trabalhos para o nosso teatro. Peças que tenham o negro, sua vida, seus dramas e suas tragédias, como ponto fundamental, em que a vida do negro seja a essência. (CAMPOS, 1945, p. 22).

O Jornal “O Novo Horizonte”, trouxe matéria em maio de 1949, divulgando que “apesar das dificuldades, os elementos daquela organização de amadores teatrais, caminhava para a primeira apresentação da peça *Todos os filhos de Deus têm asas*, de Eugene O’Neill”¹⁵.

Vale lembrar que o TENSF não foi importante apenas para o teatro. No ano de 1950, o grupo esteve presente tanto nos protestos contra a discriminação racial sofrida pela escritora e atriz Katherine Dunham¹⁶ no hotel Esplanada, em São Paulo, quanto na homenagem à bailarina¹⁷. Esteve presente também no Ato Público do Movimento Israelita-Paulista contra o Racismo e Antissemitismo pela extradição do criminoso de guerra Hebert Cukurs¹⁸ do Brasil.

¹⁵ TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO DE SÃO PAULO, 1949, p. 5.

¹⁶ Katherine Dunham (1909-2006), foi uma bailarina, coreógrafa, autora, educadora, antropóloga e ativista social afro-americana.

¹⁷ (MANIFESTAÇÃO DE DESAGRAVO À ATRIZ NEGRA KATHERINE DUNHAM, 1950, p.2. HOMENAGENS, 1950, P.4 e HOMENAGENS, 1950, p. 4).

¹⁸ Hebert Cukurs (1900-1965), foi um capitão aviador da Força Aérea Letã, engenheiro aeronáutico, jornalista, escritor e membro do Comando Arajá (uma organização nazista). Imigrou para o Brasil em 4 de março de 1946 e morou em Niterói, Santos, Rio de Janeiro e São Paulo. ATO PÚBLICO

No dia 3 de junho de 1951, o TENSF realizou sua apresentação no Teatro São Paulo, “Sem dúvida a vitória foi apenas parcial, mas estava lançada a ideia; viu-se que ela era viável, unindo brancos e negros numa aventura comum, ela pode ser o ponto de partida de algo muito bom e dar ao negro paulista o senso da sua grandeza [...] não conseguiu vender 1/3 do Teatro São Paulo[...]. Se nenhum ator se destacou, com alguma prática, já se podem esperar boas representações para o futuro. (BASTIDE, 1951, p. 101-102).

No Jornal de Notícias¹⁹, a artista Patrícia Galvão, a Pagu fez uma crítica sobre a apresentação de estreia:

“Na plateia trinta pessoas, contadinhas. No palco, a peça de O’Neill, dentro dos cenários notáveis em originalidade e adequação de Icaro Alves, um grupo de amadores na maior aventura talvez já vivida num palco de São Paulo, [...] “Todos os filhos de Deus têm asas” não foi, não podia ser, uma representação perfeita. Mas quase não há o que desculpar por não ter sido muito mais, o que se viu na noite de segunda-feira é uma possibilidade realizada precariamente, por vários fatores, mas muito mais do que possibilidade, porque já realizada. [...] É pena que não houve mais gente para prestigiar, o Teatro Experimental do Negro, nessa noite inaugural para mim, de um Teatro que deve e precisa vencer, que tem suas possibilidades para vencer. [...] Faltaram os negros de São Paulo, para ver o que se podia fazer com gente tirada do seu meio.” (“TODOS OS FILHOS DE DEUS TÊM ASAS”, 1951, p. 7).

A história do TENSF foi marcada por altos e baixos, críticas e elogios, como veremos na linha do tempo que construímos a partir da pesquisa em jornais.

METODOLOGIA

Com base no material encontrado, é possível organizar a linha de pesquisa voltada para o processo histórico e sua trajetória. A metodologia utilizada nesta pesquisa classifica-se como pesquisa bibliográfica e documental, pois a base é de fontes bibliográficas, baseada em materiais já publicados, como livros, revistas e jornais da época, teses e dissertações científicas. Trata-se ainda de uma pesquisa que se compõe do tipo descritiva e exploratória, uma vez que busca identificar na seara da História do Teatro Experimental Negro de São Paulo, sua cultura, sua influência em suas diversas expressões.

CONTRA O ANTI SEMITISMO – RECLAMA A EXTRADIÇÃO DE CUKURS DO BRASIL, 1950, p.10 e ATO PÚBLICO CONTRA O ANTI SEMITISMO NO CINE TEATRO ROYAL, 1950, p.10).

¹⁹ Acervo do Jornal de Notícias (SP)

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=583138&Pesq=teatro%20experimental%20do%20negro%20de%20s%20c%20a3o%20paulo&pagfis=17564>

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço territorial (GIL, 2008). A pesquisa documental é muito parecida com a bibliográfica. A diferença está na natureza das fontes, pois esta forma vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados conforme os objetos da pesquisa. Além de analisar os documentos de “primeira mão” (documentos de arquivos, igrejas, sindicatos, instituições, etc.), existem também aqueles que já foram processados, mas podem receber outras interpretações, como relatórios de empresas, tabelas, etc. (GIL, 2008). Para responder a essa questão, fizemos um levantamento junto ao acervo “online” do jornal O Estado de S. Paulo, sobre o tema, onde encontramos 1.251 artigos e reportagens que, após uma apuração, chegaram a 115 textos selecionados sobre tema proposto. Nos arquivos do jornal “Diário da Noite”, encontramos 185 textos, sendo 86 referentes ao tema da pesquisa. No site da Imprensa Negra Paulistana, da Universidade de São Paulo, dos 25 jornais e revistas destacados, selecionamos o jornal “Novo Horizonte”. Cabe pontuar que nas publicações pesquisadas, em sua maioria caracterizavam-se entre notas ou notícias jornalísticas, pouquíssimas fotos e anúncios publicitários. Os resultados estão na tabela 2:

Tabela 1 – Relação de textos e artigos encontrados

	Teatro Negro	Teatro Experimental do Negro de São Paulo	Corpus utilizado
Plataformas			
Catálogos de Teses & Dissertações – Capes	177	1	1
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP	100	1	1
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	315	1	1
Scielo	21	1	2
Google e Google Acadêmico	368.000	1	2
Jornais e Revistas			

Correio Paulistano	0	4	4
Diário da Noite	185	86	54
Folha da Manhã	0	1	1
Jornal de Notícias	0	2	2
Nossa Voz	0	2	2
O Estado de São Paulo	1251	115	70
O Novo Horizonte	0	2	2
Total	370.049	217	142

Fonte: a autora

Nas buscas que fizemos nos arquivos públicos, foi possível notar que há um vasto material sobre o teatro negro, mas muito pouco sobre o Teatro Experimental do Negro de São Paulo. A figura emblemática de Abdias do Nascimento ajudava a divulgar o TEN do Rio de Janeiro, mas o mesmo não acontecia em São Paulo.

RESULTADOS: A TRAJETÓRIA DOS 21 ANOS DO TENSP

Ao longo da sua história, o TENSP fez um trabalho contínuo, embora não permanecesse muito tempo em cartaz, o grupo apresentou numerosas peças em seu percurso e participações em atividades comemorativas.

Tabela 2 – Linha do tempo da atuação do TENSP entre 1952 e 1960

Ano	Espectáculo	Observações
1952	O Filho Pródigo, de Lúcio Cardoso	- Durante a estadia do Teatro Experimental do Negro do Rio de Janeiro em apresentações nesta Capital, entre 1952 e 1953, aconteceu um verdadeiro apagamento do TENSP na jornais e revistas, só retomando as publicações após o retorno da equipe carioca para a cidade de origem. - O TENSP esteve presente nas comemorações da Semana da Abolição com várias entidades negras
1953	Os inimigos não mandam flores, de Pedro Block	- O grupo esteve presente nas comemorações pela passagem do I Centenário do nascimento do jornalista e tribuno da abolição José do Patrocínio.
1954	Trechos da tragédia de Esquilo, "Coeforas". I Festival de Teatro Amador, levou à cena "O Cavalo e o Santo", de Augusto Boa. "O Filho Pródigo" de Lucio Cardoso e "O Imperador Jones" de O'Neill, apresentaram no Teatro Municipal de Campinas.	- Reuniram-se na capital paulista, vinte e três homens (Geraldo Campos de Oliveira, José Correia Leite, entres outros) e duas mulheres (Maria Helena Lucas Barbosa e Mary de Oliveira). Depois de uma ampla discussão, foi deliberada a fundação da Associação Cultural do Negro, "entidade destinada a [...] ser uma organização em defesa dos direitos dos negros. (DOMINGUES, 2007). A presença de Geraldo Campos na diretoria da ACN, foi crucial para o TENSP, que teve um apoio significativo para suas atividades, inclusive com espaço para ensaios e atividades.

1955	<p>“O filho pródigo” no Instituto Butantã e “João sem Terra” de Hermilio Borba Filho, no Teatro Colombo.</p>	
1956	<p>“João sem Terra” no Teatro Novos Comediantes, “O Cavalo e o Santo”, no Senac;</p> <p>“A Filha Moça”, de Augusto Boal, e “O velho” de Howard Abramowitz no Teatro João Caetano.</p> <p>Festival Paulista do Teatro Amador, participaram com a encenação do “O Mulato”, de Langston Hughes, no Teatro São Paulo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O espetáculo era uma colaboração ao “programa da “Quinzena Treze de maio”, promovida pela Associação Cultural do Negro, e comemorativa da passagem da data da abolição. - Em julho, participaram de sessão solene denominada “Noite de Castro Alves”, com elementos do Tensp, que declamaram poesias do vate abolicionista. No Festival Paulista do Teatro Amador, Aurea Campos foi premiada com o “Arlequim” para a melhor atriz dramática, e Francisco Giaccheri com o diploma de “Menção Honrosa” pela direção. - Atuaram um recital de poesias, em homenagem ao poeta simbolista Cruz e Souza, pelo seu aniversário de falecimento, em novembro.
1957	<p>“O Mulato”, no Leopoldo Fróes e na Cia Nitro Química de São Miguel;</p> <p>“João sem Terra”; no Festival de Teatro no Teatro São Paulo.</p>	
1958	<p>“Laio se matou”, de Augusto Boal, no Teatro Leopoldo Fróes e na Cia Nitro Química</p> <p>“O Filho Pródigo” no Teatro de Alumínio</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Nas comemorações “O Ano 70 da Abolição”, apresentou no Leopoldo Fróes, “Laio se matou”, de Augusto Fróes, que também geraria homenagens à Mãe Preta, em parceria com o Teatro Escola de São Paulo (Tesp).
1959	<p>“O Filho Pródigo” no Teatro de Alumínio</p> <p>“A grande estiagem”, de Isaac Gondim Filho, no Teatro João Caetano</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Nas atividades comemorativas do 71º aniversário da promulgação da Lei Aurea, no auditório do Instituto Caetano de Campos, com declamação e canto.
1960	<p>“A grande estiagem” retornou ao Teatro Leopoldo Fróes, no Sesc de Santos e no Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil.</p> <p>“O Cordão”, de Artur Azevedo, no Teatro Arthur Azevedo e no Sindicato da Construção Civil.</p> <p>II Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo, “Inspiração”, recital de poesia, no Teatro Artur Azevedo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Recital de poesia e música, na Sede do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil, homenagens a Mário de Andrade e à poesia modernista, no décimo quinto aniversário do falecimento do poeta, coincidindo com 15 anos de existência do grupo. - O TENSJ junto com os Elencos Teatrais Independentes, receberam convite para apresentar-se em Santos, Campinas, São José dos Campos e Sorocaba.

Fonte: a autora

Observa-se que no ano de 1960 o Teatro Experimental do Negro de São Paulo passou por mudanças significativas, como a saída de Geraldo Campos de Oliveira, do grupo teatral. Além disso, ocorreu a transferência do local de ensaios e reuniões, da sede da Associação Cultural do Negro para o Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil, na Rua Conde de Sarzedas, 304. (SILVA, 2022). O ator e diretor

Dalmo Ferreira²⁰ assumiu a Diretoria no início de 1960, quando Geraldo Campos de Oliveira tomou posse, no Rio de Janeiro, de um cargo no Ministério do Trabalho.

No mês do 15.º aniversário do TENSF, foi apresentado um recital de poesia e música, de Herculano Pires denominada “África” na sede do Sindicato. Em 1961 o grupo voltou a aparecer nos jornais e revistas impressa com a apresentação da peça “Sucata” de Milton Gonçalves, no Teatro de Arena, direção de Dalmo Ferreira. No ano seguinte, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, realizou recital “Roteiro do Poema Universal”, e em seguida o elenco se apresentou em Santos e Campinas. Participaram da Festa da Conceição da Praia, no Embu. Após estes anos, houve um grande silêncio dos jornais estudados, aliado ao Golpe de 1964, que instaurou a Ditadura Militar.

Somente em fevereiro de 1966, o jornal O Estado de S. Paulo, volta a publicar sobre a encenação da peça “Blues for Mr. Charles”, de Charles Baldwin, tendo como diretor presidente do grupo, Benedito Silva. Contudo, conforme as nossas leituras, ocorreu um novo silenciamento da imprensa nesse período e somente em agosto a peça volta em cartaz no Teatro Leopoldo Fróes, mas qualificando-os integrantes como ex-TENSF, no Grupo Teatral do Negro.

Embora tenha sido curta a trajetória do TENSF, seu propósito de valorização das pessoas, de exaltação da capacidade artística afro-brasileira, nas produções que refletiam a realidade, tocou a vida de muitas pessoas que direta ou indiretamente participaram desse movimento de luta e resistência pela dramaturgia negra e nos movimentos contra o racismo, um legado que deve ser lembrado a cada geração teatral negra.

O período que o TENSF mais se destacou não só no volume de apresentações, quanto na visibilidade dada pela imprensa, foi o período do III Festival Paulista de Teatro Amador (1956), quando Aurea Campos foi premiada com o “Arlequim” na categoria melhor atriz dramática e Francisco Giaccheri com o diploma de “Menção Honrosa” pela direção da peça “O Mulato” de Langston Hughes. Isso rendeu ao grupo uma série de apresentações no Teatro Leopoldo Fróes, Teatro São Paulo e Cia Nitro Química.

²⁰ Dalmo Ferreira, nasceu no Rio Grande do Sul em 1935, migrou para São Paulo, estudou no Teatro Escola de São Paulo e iniciou sua carreira artística no TENSF.

Além da peça “O Mulato”, cabe pontuar as peças “O Filho Pródigo” de Lucio Cardoso e “João sem Terra”, de Hermílio Borba Filho, as principais obras do grupo, frente a quantidade de apresentações e reapresentações, que foram feitas no período. Entre os atores que se evidenciaram com a experiência no TENSF estão Aurea Campos, ganhadora do prêmio Arlequim, e Samuel dos Santos, que teve maior projeção em seus trabalhos não só no teatro, como no cinema e televisão. Da mesma forma se destacou Dalmo Ferreira, que também atuou na televisão.

O TEN representou para o teatro de São Paulo e do Brasil, um movimento de resistência, persistência, contestação e luta, principalmente contra a desigualdade de raças e a mudança de posição de subordinação ou sub-papéis, para o protagonismo de peças, que expressavam a atuação e interpretação negra.

A saída de Geraldo Campos de Oliveira do TENSF, aliado ao período da Ditadura de 1964, foi marcado por intenso trabalho da censura, que barrava todas as atividades culturais voltadas a contrariar o regime. O trabalho do teatro negro de contestação não passou despercebido, mas a falta de recursos financeiros e os poucos subsídios oficiais sentenciaram a trajetória do grupo. Tais fatos favoreceram o silenciamento nos jornais da época, visto que a ausência de apresentações ou de envolvimento em manifestações voltadas ao movimento negro, não promoveram novas matérias; chegando ao vácuo entre a última apresentação, em março de 1962 e o retorno, em agosto de 1966, com os componentes em novo contexto.

O teatro brasileiro apresenta um hall de escalonamento que vai dos “bem relacionados e favorecidos” nos patrocínios e subsídios oficiais e os que não são. Muitas companhias teatrais lutam para levar ao público sua “arte”, por vezes com recursos próprios, como os teatros populares. E o teatro negro em sua maioria está neste patamar de luta e resistência. A gestão pública também pode contribuir para dar maior ênfase ao teatro. Observa-se que o atual governo está possibilitando um maior escoamento de verba para a cultura, e o teatro só tem a ganhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre o TENSF foi uma experiência desafiadora, porque pouco ou quase nada foi pesquisado e/ou estudado sobre o assunto. Infelizmente seus fundadores não deixaram legado sobre as experiências vividas e sofridas.

Desse modo, o caminho a percorrer foi baseado no escasso material acadêmico e vasto conteúdo jornalístico da época. E nesse contexto fica visível a luta do grupo em apresentar sua dramaturgia, devido à dificuldade financeira, a falta de uma rede de patrocinadores, um espaço próprio para as atividades de ensaios, reuniões e aulas; além da baixa quantidade de plateia para prestigiá-los, conforme relatou Bastide e Patrícia Galvão a respeito da estreia em maio de 1951, no Teatro São Paulo.

Foi possível observar que todas às vezes que havia temporada do Teatro Experimental do Negro do Rio de Janeiro, em apresentações nesta Capital, em especial, entre 1952 e 1953, acontecia um verdadeiro silenciamento do TENSF nos jornais e revistas, só retomando as publicações após o retorno do grupo carioca para a cidade de origem. Tal fato se deve à figura marcante de Abdias do Nascimento, que dirigia o TEN do Rio de Janeiro. Nascimento era uma liderança no movimento negro, e a sua presença auxiliava na divulgação do grupo em terras paulistanas.

Apesar das muitas apresentações de peças teatrais, em especial a peça “O Mulato”, que recebeu premiação no III Festival Paulista de Teatro Amador de São Paulo, e foi muito elogiada pelos jornais e revistas da época, não foi suficiente para qualificá-los como profissionais. Foram classificados como amadores e/ou independentes.

Observa-se que a saída de Geraldo Campos de Oliveira do TENSF no início de 1960, as dificuldades financeiras, o baixo auxílio oficial, além da falta de patrocinadores, foi significativo para que gradativamente o volume de apresentações fosse caindo e conseqüentemente a publicidade em torno dos trabalhos do grupo fosse reduzida. O golpe de 1964, paralisou de vez as atividades e um silêncio perturbador dos jornais, rádio e televisão da época, provocou quietude do grupo até 1966. Retornaram, mas não por muito tempo, por conta da Ditadura Militar. Um final melancólico para um grupo cultural tão importante.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger, A propósito do Teatro Experimental do Negro, Anhembi, (agosto 1951, São Paulo), citado por Abdias do Nascimento (org.), **Teatro Experimental do negro: testemunhos**, GRD, Rio de Janeiro, 1966.

_____. **Sociologia do teatro negro brasileiro**. Roger Bastide, São Paulo, Ática (Grandes Cientistas Sociais, 37), p. 138-155, 1983.

Boal, Augusto. **Vida e Obra**, acesso 30/04/2023, disponível em: <http://augustoboal.com.br/vida-e-obra/>

DE OLIVEIRA RIOS, João Tadeu. “**Teatro Negro, existência por resistência: problemáticas de um teatro brasileiro**” [Evani Tavares Lima]. Repertório, p. 82-88, 2011.

DOMINGUES, Petrônio. Associação Cultural do Negro (1954-1976): um esboço histórico. **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História**, p. 117-136, 2007.

DOS SANTOS MOURA, Christian Fernando; DE LIMA, Reynúncio Napoleão. **Nos desvãos de um mundo estrangeiro – A criação e trajetória do Teatro Experimental do Negro**. Travessias, v. 3, n. 3, 2009.

DOS SANTOS ROCHA, Gabriel. O drama histórico do negro no teatro brasileiro e a luta antirracismo nas artes cênicas (1840-1950). **Sankofa** (São Paulo), v. 10, n. 20, p. 40-55, 2017.

DOUXAMI, Christine. Teatro Negro: a realidade de um sonho sem sono. **Revista Afro-Ásia**, n. 25-26, p. pp. 313-363, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GOMES, Arilson dos Santos. **O Trabalhismo e o Movimento Social Negro brasileiro (1943-1958)**. 2012.

LOURENÇO, Vanessa Cândida, Katherine Dunham, FFLCH – **Enciclopédia de Antropologia**, 10/07/2023. Acesso 30/04/2023. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/autor/katherine-dunham>.

MAGALDI, Sábato Antônio; VARGAS, Maria Thereza. **Cem anos de teatro em São Paulo (1875-1974)**. 2001.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**, 2ª ed. – Brasília / Rio de Janeiro: Fundação Palmares /OR Editor Produtor Editor, 2002.

_____. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos avançados**, v. 18, p. 209-224, 2004.

NASCIMENTO, Jéssica Gomes do et al. “**Olaegbékizomba**” festas, dramaturgias e Teatros Negros na cidade de São Paulo. 2022.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. O Teatro Experimental do Negro de São Paulo, 1945-66. **Novos estudos CEBRAP**, v. 41, p. 389-410, 2022.

JORNAIS

15º aniversário do TENSAP, sessão inaugural do TAIB, O Estado de São Paulo, 22/10/1960, p. 15.

A estreia de hoje: “João sem Terra” pelo Teatro Experimental do Negro, Diário da Noite (SP), 16/03/1956, p. 13.

“**A GRANDE ESTIAGEM**”, O Estado de São Paulo, 03/05/1959, p. 17.

“**A grande estiagem**” no João Caetano, Diário da Noite (SP), 25/04/1959, p.11.

“**A grande estiagem**” no João Caetano”. O Estado de São Paulo, 30/04/1959, p. 12.

A grande estiagem pelo TEN, O Estado de São Paulo, 27/0/1959, p. 5.

“África” no 15º aniversário do TENSP, O Estado de São Paulo, 20/10/1960, p.10.

Aniversário da morte de Cruz e Souza, O Estado de São Paulo, 25/11/1956, p. 15.

Ato público contra o Anti Semitismo no Cine Teatro Royal, Nossa Voz (SP), 09/11/1950, p.10

Ato público contra o Anti Semitismo – Reclama a Extradicação de Cukurs do Brasil, Nossa Voz (SP), 16/11/1950, p. 10.

Calígula, O Novo Horizonte, 05/1948, p. 3.

Cem anos de Teatro em São Paulo, O Estado de São Paulo, 17/01/1976, p. 61.

Cerimônia de lançamento do Novo Jornal, O Estado de São Paulo, 28/02/1961, p. 18

Comemorações do 13 de maio nesta Capital, O Estado de São Paulo, 13/05/1952, p.13.

Comemorações em São Paulo, O Estado de São Paulo, 06/11/1953, p. 32.

Conferência sobre Cruz e Souza, O Estado de São Paulo, 24/11/1956, p.5.

Confetti, Diário da Noite (SP), 09/05/1958, p. 4

Dia das Mães, Diário da Noite (SP), 06/05/1958, p. 4.

Elencos Teatrais Independentes, O Estado de São Paulo, 30/04/1960, p. 8

_____. O Estado de São Paulo, 25/08/1961, p. 9.

Em breve teremos um magnífico teatro universitário paulista. Diário da Noite, 5/9/1949, p. 4.

Festa da Conceição, O Estado de São Paulo, 06/12/1962, p. 13.

Festival de Teatro Amador, O Estado de São Paulo, 14/09/1955, p.6.

Festival do Teatro Amador, O Diário da Noite (SP), 15/01/1960, p.4.

Folclore no Embu, O Estado de São Paulo, 07/12/1962, p. 7.

Homenagem a Mario de Andrade, O Diário da Noite (SP), 04/02/1960, p. 13.

Homenagens, Diário da Noite, 19/7/1950, p.4

Homenagens, Diário da Noite, 20/07/1950, p.4

João sem-terra, será encenada pelo Teatro Experimental do Negro de São Paulo, Diário da Noite (SP), 28/11/1955, p. 14

Lincoln – O Libertador, Diário da Noite (SP), 26/05/1959, p. 18.

No TNC, O Estado de São Paulo, 16/03/1956, p.7.1956, p. 11.

Noite de Castro Alves, O Estado de São Paulo, 06/07/

Novamente “O Mulato”, Diário da Noite, 05/11/1957, p. 19

“Novas possibilidades para a carreira artística da raça negra - Declarações do prof. Geraldo Campos de Oliveira, diretor do Teatro Experimental do Negro de São Paulo”. Folha da Manhã, São Paulo, 30/9/1945, p. 22.

O cavalo e o santo. Correio Paulistano, 17/11/1954, p. 10.

“O Mulato” Dia 18 no Teatro São Paulo, O Estado de São Paulo, 15/08/1956, p.9.

“O Mulato”, Hoje no Leopoldo Fróes, O Estado de São Paulo, 15/11/1957, p. 10

“O Mulato”, Hoje no São Paulo”, O Estado de São Paulo, 17/07/1956, p. 8.

“O Mulato”, pelo Teatro Experimental do Negro”, O Estado de São Paulo, 17/01/1957

“O Mulato” pelo TENSP, O Estado de São Paulo, 17/08/1956, p. 6.

Os inimigos não mandam flores, Diário da Noite, 08/04/1953, p.2.

Palcos e Circos – A estreia de hoje, O Estado de São Paulo, 09/04/1953. p.8.

Palcos e Circos – Amadores e estudantes de teatro, O Estado de São Paulo, 03/10/1956, p. 23.

Programa do Festival Amador, O Estado de São Paulo, 10/11/1959, p. 19

Rádio e TV, Diário da Noite, 07/01/1953, p.11.

Recital do TENSP, O Estado de São Paulo, 02/06/1962. p. 7.

Repertório do III Festival Amador, O Estado de São Paulo, 14/07/1956, p. 8.

Ribalta, Correio Paulistano, 24/03/1956, p.5.

Ronda Cavalheiro Lima, Diário da Noite (SP), 05/11/1952, p.11.

Ronda Cavalheiro Lima, Diário da Noite (SP), 06/11/1952, p.13.

Ronda Cavalheiro Lima, Diário da Noite (SP), 01/04/1953, p.11.

Ronda Cavalheiro Lima, Diário da Noite (SP), 04/04/1953, p.4.

Ronda Cavalheiro Lima, Diário da Noite (SP), 13/04/1953, p.17.

Ronda Cavalheiro Lima, Diário da Noite (SP), 15/04/1953, p. 13.

Ronda Cavalheiro Lima, Diário da Noite (SP), 17/04/1953, p.11.

Ronda Cavalheiro Lima, Diário da Noite (SP), 18/04/1956, p. 17

Ronda Cavalheiro Lima, Festival Paulista de Teatro Amador, Diário da Noite (SP), 23/08/1957, p.19.

Ronda Cavalheiro Lima, Nosso Protesto! Diário da Noite (SP), 02/11/1955, p.15.

Ronda Mattos e Pacheco, Os Arlequins, Diário da Noite (SP), 08/10/1957, p. 19.

Ronda Mattos e Pacheco, Sucata, Diário da Noite (SP)

Ronda Mattos e Pacheco, Teatro Experimental do Negro, Diário da Noite (SP), 07/06/1961.

Ronda Mattos e Pacheco, TENSP, Diário da Noite, 18/10/1960, p. 20.

SAMUEL NO RIO, Diário da Noite, 09/06/1959, p.17.

Semana da Abolição, Diário da Noite (SP), 10/05/1952, p. 2

Sobre Augusto Boal. Correio Paulistano, 29/10/1954, p. 10.

“SUCATA”, PELO ELENCO DO TENSP, O Estado de São Paulo, 16/07/1961, p. 14.

Teatro Experimental do Negro, Diário da Noite (SP), 27/03/1952, p. 4

Teatro Experimental do Negro, O Estado de São Paulo, 20/03/1953, p.8.

Teatro Experimental do Negro, O Estado de São Paulo, 27/03/1953, p. 8.

Teatro Experimental do Negro, Diário da Noite (SP), 01/04/1953, p. 4.

Teatro Experimental do Negro, O Estado de São Paulo, 02/04/1953, p. 6

Teatro Experimental do Negro, O Estado de São Paulo, 20/05/1956, p.14.

Teatro Experimental do Negro, O Estado de São Paulo, 04/07/1956, p. 6.

Teatro Experimental do Negro, O Estado de São Paulo, 20/09/1956, p. 9.

Teatro Experimental do Negro, Diário da Noite (SP), 14/01/1957, p. 9.

Teatro Experimental do Negro, Diário da Noite (SP), 29/10/1957, p.18.

Teatro Experimental do Negro, O Estado de São Paulo, 03/11/1957, p. 14.

Teatro Experimental do Negro, O Estado de São Paulo, 13/11/1957, p. 8

Teatro Experimental do Negro, Diário da Noite (SP), 14/11/1957, p. 17.

Teatro Experimental do Negro, O Estado de São Paulo, 27/05/1958, p. 9.

Teatro Experimental do Negro, O Estado de São Paulo, 20/02/1959, p. 6.

Teatro Experimental do Negro, Diário da Noite (SP), 29/04/1959, p. 19.

Teatro Experimental do Negro, O Estado de São Paulo, 11/12/1962, p. 8.

Teatro Experimental do Negro de São Paulo, O Novo Horizonte, maio de 1949, p.5

Teatro Experimental do Negro de São Paulo, O Novo Horizonte, outubro/1954, página 4.

Teatro Experimental do Negro de São Paulo, Jornal de Notícias, janeiro de 1950, p. 7

Teatro Experimental do Negro de São Paulo, Diário da Noite, 23/05/1951, p.5.

Teatro Experimental do Negro de São Paulo, O Estado de São Paulo, 25/01/1956, p. 6.

Teatro Experimental do Negro de São Paulo, O Estado de São Paulo, 09/03/1960, p. 9.

Teatro Experimental do Negro de São Paulo, O Estado de São Paulo, 19/03/1960, p. 8.

Teatro Experimental do Negro de São Paulo – Dois espetáculos, Diário da Noite, maio de 1951, p. 6

Teatro Experimental do Negro em São Paulo – Está no mito da raça negra a verdadeira fonte e inspiração do teatro brasileiro, Diário da Noite, 01/11/1952, p.9.

Teatro Independentes: Temporada de Abril, Diário da Noite (SP), 14/03/196, p. 29.

Teatro Negro encenará peça norte-americana, O Estado de São Paulo, 18/02/66, p. 9.

Televisão canal 3, Diário da Noite (SP), 09/01/1953, capa

TENSP: ROTEIRO DO POEMA UNIVERSAL, O Estado de São Paulo, 31/05/1962, p. 8.

Todos os filhos de Deus têm asas, Jornal de Notícias (SP), 06/06/1951, p. 7

Vão a Santos 4 grupos teatrais de São Paulo, O Estado de São Paulo, 15/04/1960, p. 8

“Vatapá e show na comemoração do 12-º aniversário do TPB”, Correio Paulistano, 04/05/1962, p. 3).